

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 16, número 2 (2025)

ISSN: 2177-2886

Artigo

Os Monumentos e o Simbolismo da Submissão das Mulheres em Vitória da Conquista - BA

*Los Monumentos y el Simbolismo de la Sumisión de
las Mujeres en Vitória da Conquista, Bahia, Brasil*

*Monuments and the Symbolism of Women's
Submission in Vitória da Conquista, Bahia, Brazil*

Joanna De Angelis Andrade Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –
Brasil

joannada70@gmail.com

Como citar este artigo:

SANTOS, Joanna De Angelis Andrade. Os Monumentos e o Simbolismo da Submissão das Mulheres em Vitória da Conquista - BA. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 16, n. 2, p. 72-89, 2025. ISSN 2177-2886. DOI: <10.5212/Rlagg.v.16.i2.0004>.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Os Monumentos e o Simbolismo da Submissão das Mulheres em Vitória da Conquista - BA

Los Monumentos y el Simbolismo de la Sumisión de las Mujeres en Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Monuments and the Symbolism of Women's Submission in Vitória da Conquista, Bahia, Brazil

Resumo

O objetivo do artigo é explorar como os monumentos urbanos carregam simbolismo das relações de poder que promovem a cidade como espaço especialmente ligado à propriedade privada patriarcal em Vitória da Conquista, Bahia. Aborda-se como esses símbolos estão presentes no espaço urbano e perpassam a forma e o conteúdo das relações sociais. Por meio de postura crítica em relação ao capitalismo, os monumentos foram problematizados e observados sob ótica crítica. Constata-se que as representações simbólicas presentes na cidade servem para demarcar contornos ideológicos que enaltecem a lógica da propriedade privada patriarcal que perpetuam desigualdades sociais e econômicas que sustentam o sistema capitalista.

Palavras-Chave: Cidade. Patriarcado. Monumentos.

Resumen

El objetivo de este artículo es explorar cómo los monumentos urbanos sirven como simbolismo de las relaciones de poder que promueven la ciudad como un espacio especialmente vinculado a la propiedad privada patriarcal en Vitória da Conquista, Bahía, Brasil. Aborda cómo estos símbolos están presentes en el espacio urbano y permean la forma y el contenido de las relaciones sociales. A través de una postura crítica frente al capitalismo, los monumentos fueron problematizados y observados desde una perspectiva crítica. Es claro que las representaciones simbólicas presentes en la ciudad sirven para demarcar contornos ideológicos que ensalzan la lógica de la propiedad privada patriarcal que perpetúa las desigualdades sociales y económicas que sustentan el sistema capitalista.

Palabras-Clave: Ciudad. Patriarcado. Monumentos.

Abstract

The aim of this article is to explore how urban monuments serve as symbols of power relations that promote the city as a space especially linked to patriarchal private property in Vitória da Conquista, Bahia. It addresses how these symbols are found in urban spaces and pervade the type and content of social relations. Through a critical stance in relation to capitalism, the monuments were problematized and observed from a critical perspective. The symbolic representations found in the city clearly serve the purpose of marking ideological contours that extol the logic of patriarchal private property, which perpetuates social and economic inequalities that sustain the capitalist system.

Keywords: City. Patriarchy. Monuments.

Joanna de Angelis Andrade Santos



Introdução

Marcadores sociais como gênero, raça e classe são determinações fundamentais para a reprodução do capitalismo, que as utiliza como forma de opressão para garantir sua existência. No capitalismo, essas opressões estão ligadas às contradições em torno da propriedade privada patriarcal e são responsáveis por estruturar desigualdades e hierarquizações. A cidade, nesse contexto, torna-se o espaço onde essas contradições se manifestam e se espacializam. É no urbano que se intensificam as dinâmicas sociais ligadas a esses marcadores, nos quais se revelam as formas como o capitalismo organiza suas relações sociais e econômicas.

Nesse contexto, a cidade moderna é produzida de modo que inviabiliza a reprodução adequada da vida para a maior parte das pessoas. Essa dinâmica ocorre por meio da naturalização e normalização das desigualdades, que são deslocadas para o espaço urbano durante sua produção. Os monumentos reafirmam essas contradições, pois estão dispostos na malha urbana e evidenciam os problemas que permeiam não apenas o tempo dedicado ao trabalho, mas todos os momentos da vida. Assim, a organização espacial reflete e reforça as desigualdades ao tornar o cenário da cidade adequado para sustentar o cotidiano do sistema capitalista.

O objetivo deste texto foi demonstrar como os monumentos, que estão presentes na cidade, não apenas compõem sua forma, mas também expressam o conteúdo das relações socioespaciais que a produzem. Esse artigo, baseado na análise, observação e interpretação dos monumentos selecionados para a pesquisa, objetivou demonstrar como esses elementos reforçam a lógica da propriedade privada patriarcal e capitalista. Os monumentos possuem um papel nas dinâmicas sociais e econômicas que estruturam a cidade dos homens¹, pois são representações materiais das contradições e desigualdades que orientam a configuração do espaço urbano.

Para explorar as nuances dessa condição, o presente trabalho analisa sete monumentos localizados na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia. O artigo foi dividido em dois tópicos, o primeiro aborda quatro desses monumentos: o Monumento aos Bandeirantes (1940), o Obelisco em Homenagem a Getúlio Vargas (1950), o Busto de Luís Eduardo Magalhães (2005) e o Monumento em Homenagem ao Príncipe Maximiliano (2008). Esses exemplos explicitam como as formas de representação espalhadas pela cidade reafirmam a ideologia dominante e a simbologia da vitória dos "heróis" para demonstrar como essa mesma lógica se aplica à submissão das mulheres e da classe trabalhadora. No segundo tópico foram investigados o Monumento aos Chegantes (1992), o Gari (2019) e o Monumento em Homenagem a Dona Jaci Flores (2004). Dessa maneira, o primeiro tópico disserta acerca dos monumentos produzidos para enaltecimento dos líderes fundadores e dos desenvolvimentistas e o segundo tópico àqueles que se dedicam às mulheres e/ou membros da classe trabalhadora.

1 Para maior compreensão, ver: SANTOS, Joanna De Angelis Andrade et al. A cidade dos homens: patriarcado e produção do espaço urbano de Vitória da Conquista - BA. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 15., 2023, Campina Grande. Anais [...] Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/94555>. Acesso em: 17 jan. 2025.

As formas de representação para o esgarro da ideologia dominante: os monumentos e a simbologia da vitória dos heróis

O espaço social, segundo Lefebvre (2006), é formado por funções sociais hierarquizadas nos campos da produção e reprodução, através de contradições em três níveis: reprodução biológica, reprodução da força de trabalho e a reprodução das relações sociais de produção. Para o autor, essas determinações se mantêm em estado de coexistência e de coesão por meio das representações simbólicas que possibilitam mostrar que o espaço desempenha um papel decisivo na continuidade dessas contradições. É posto que as representações transcendem a noção comum de monumentos históricos, no entanto, servem como exemplificadores desta contradição tríade.

A análise da produção do espaço na cidade dos homens – ou seja, a cidade que é produzida por meio da lógica da propriedade privada patriarcal capitalista –, a partir do recorte dos monumentos, perpassa as condições da representação do espaço² que, segundo Lefebvre (2006), ganham alcance prático ao modificar as “texturas espaciais” dotadas de “ideologias eficazes”. Essas “ideologias eficazes” aparecem na produção do espaço, dentre outras formas, por meio de monumentos que são encontrados na cidade e demarcam os contornos ideológicos e socioespaciais, protagonizados pelo patriarcado e pela luta de classes.

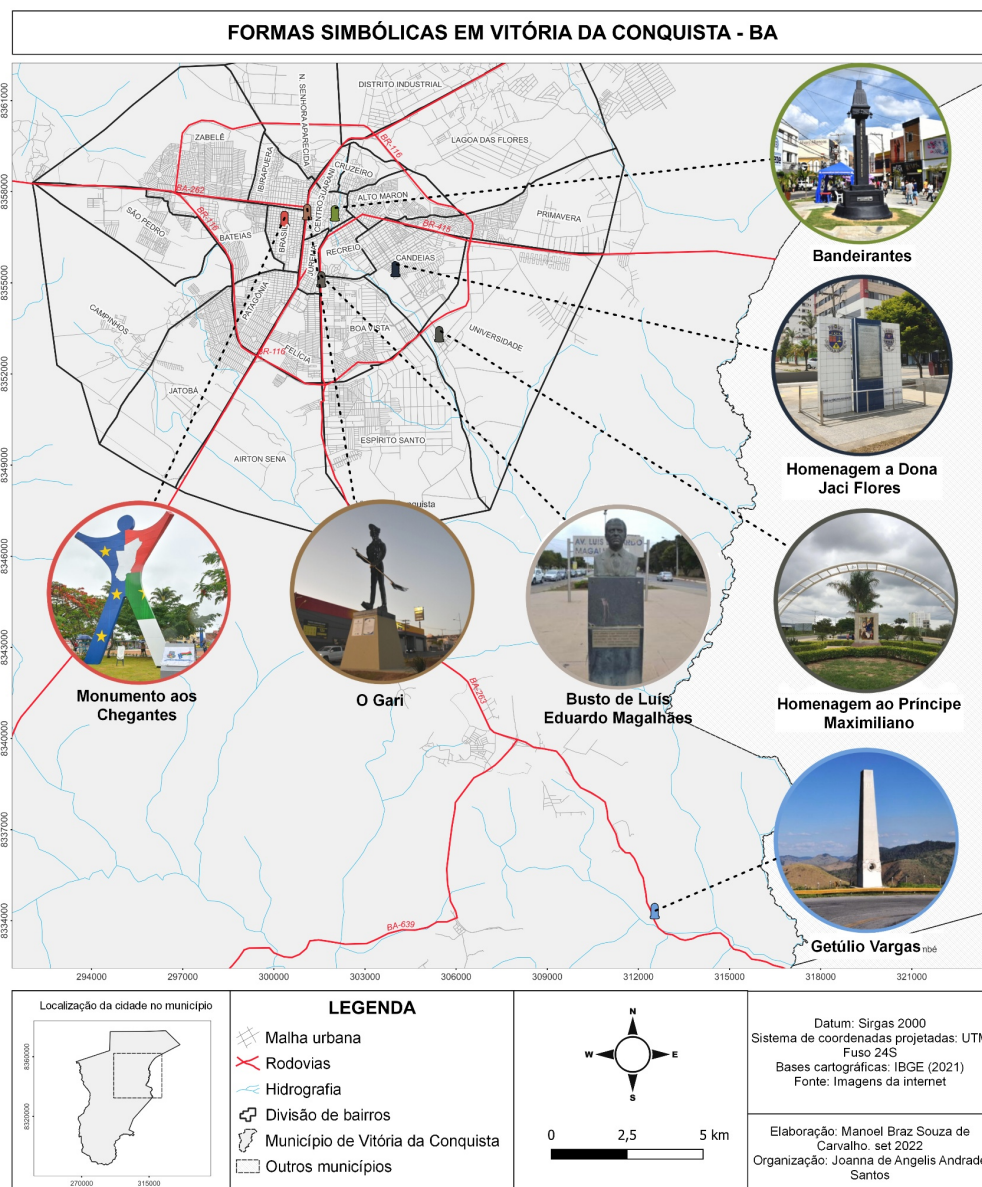
Estes monumentos atuam como marcadores ideológicos, delineados pelas relações de poder patriarcal e pelas tensões de classe presentes na cidade dos homens. Na cidade de Vitória da Conquista, monumentos que representam/homenageiam os sujeitos “produtores” do espaço estão presentes em variados pontos da cidade (Mapa 1), como exemplo: o Obelisco em homenagem aos bandeirantes, o busto de Luís Eduardo Magalhães, o Obelisco de Getúlio Vargas, a Homenagem ao Príncipe Maximiliano, O Gari, Homenagem à Dona Jaci Flores e Monumento aos Chegantes.

O cotidiano das pessoas que vivem nas cidades está atravessado pela presença de monumentos que representam a espacialização de ideias e concepções de mundo que expressam a violenta condição de subjugação das mulheres e da classe trabalhadora. Os monumentos atuam como formas de autoafirmação e normalização das necessidades de reprodução da classe proprietária. Há “um legado criado pela mão do homem e por ele edificado para carregar consigo toda uma carga de concepções que o farão símbolo de uma mensagem que quis ser passada, de um aviso ou de uma instrução que se desejou transmitir” (Rodrigues, 2009, p. 4).

Com o intuito de exemplificar tal maneira de análise, considera-se o Monumento em homenagem aos bandeirantes (Figura 1), localizado no centro comercial do município de Vitória da Conquista, especificamente na Praça Nove de Novembro. Este consiste em um obelisco que se trata de um “monumento que tem o formato de pilar, com seu ponto mais alto em forma de pirâmide” (Michaelis, 2008, p. 613), construído em 1940 com o objetivo de homenagear os bandeirantes João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa.

2 “As representações do espaço, ligadas às relações de produção, à ordem que elas impõem e desse modo, ligadas aos conhecimentos, aos signos, aos códigos, às relações frontais” (Lefebvre, 2006, p. 36).

Mapa 1 - Formas Simbólicas em Vitória da Conquista, Bahia, 2023



Fonte: Organizado pela autora (2023).

O obelisco é interpretado, neste trabalho, como um símbolo fálico de poder, representando a dominação do homem europeu sobre os povos indígenas que habitavam a região. A história do município de Vitória da Conquista, assim como de grande parte do território latino-americano, é marcada pelo massacre e pela violenta supressão da vida indígena. Nesse contexto, o apagamento da memória indígena nos espaços urbanos conquistenses, por meio de homenagem aos seus assassinos, reflete uma tentativa de silenciar a história desses povos. Sobre esse apagamento, Aguiar (2000) discorre de forma elucidativa:

E em relação à cultura indígenas, especialmente à local, a que se deve um apagamento tão grande, o que hoje nos restam como lembrança são alguns poucos nomes como serra do Periperi, cuja grafia original

é Piripiri (nome tupi incorporado à língua portuguesa), Distrito Industrial dos Ymborés, posto Mongoió! (como se indústria e posto fossem compatíveis com o modo de vida indígena) [...] (Aguiar, 2000, p. 44).

Figura 1 - Monumento aos Bandeirantes



Fonte: Elaboração própria (trabalho de campo em fevereiro de 2023).

O principal nome da ocupação desse território é João Gonçalves da Costa – figura homenageada pela obra – que ao chegar encontrou habitantes e, apesar disso, não desistiu do seu objetivo que era o de ocupar: “Para isso, utilizou, métodos nada honrados, e foram justamente seus atos traiçoeiros que possibilitaram o domínio e exploração dos aborígenes” (Aguiar, 2000, p. 45). Na região, três etnias indígenas foram reconhecidas pela história, os Mongoiós, Pataxós e Ymborés. A representação do espaço, em forma de obelisco, serve de troféu ao invasor, corroborando, dessa forma, a ideologia hegemônica. A exaltação desse passado sombrio, por meio de monumentos fálicos, funciona nesse contexto como estratégia de continuidade do poder a eles reconhecido.

Monumentos como o obelisco servem como exemplos do falocentrismo presente nas estruturas do espaço urbano que glorificam a vitória e a conquista do europeu sobre os nativos. Demonstra-se, dessa maneira, o termo "falo" não apenas em referência ao pênis, órgão genital, mas também como representação simbólica gerada a partir de um significativo. Nesse contexto, o uso da estrutura fálica demarca quem está no centro do discurso. Outro exemplo de forma simbólica fálica no município é o obelisco em homenagem a Getúlio Vargas (Figura 2).

Figura 2 - O monumento de Getúlio³



Fonte: Elaboração própria (trabalho de campo em março de 2023).

O monumento foi erguido em agosto de 1950, na Serra do Marçal, localizada no acesso oriental do território de Vitória da Conquista, cuja estrada foi oficialmente inaugurada em 1940. Nele, encontra-se o busto do ex-presidente Getúlio Vargas (1882-1954) e a seguinte inscrição: “O verdadeiro sentido da brasilidade é a marcha para o Oeste”. O objeto fálico que corresponde ao monumento de Getúlio Vargas funciona como um instrumento de reafirmação do poder masculino, ao conceber a ocupação e organização do território. A interpretação do monumento como um falo ereto e enrijecido, representando um símbolo do poder masculino, baseia-se na compreensão do objeto fálico como um significativo.

A compreensão deste significante atrelado à realidade humana permite compreender o poder vinculado ao falo, que é presente na produção do espaço concebido, nas longas avenidas, nos altos prédios que personificam a simbologia do poder associada ao homem por meio das formas simbólicas. Beauvoir (2016), ao analisar o ponto de vista psicanalítico da questão masculina, vai apontar um sentido ampliado ao falo que adquire valor simbólico. Para a autora:

O símbolo não se apresenta a nós como uma alegoria elaborada por um inconsciente misterioso: é a apreensão de uma significação através

3 “A perda da linguagem da comunicação exprime positivamente o movimento de decomposição moderna de toda arte, o seu aniquilamento formal. O que este movimento exprime negativamente é o fato de que uma linguagem comum deve ser reencontrada, não mais na conclusão unilateral que a arte da sociedade histórica chegava sempre demasiado tarde. Essa arte falava aquilo que foi vivido sem diálogo real, admitindo esta deficiência da vida, embora ela reencontre na práxis a união entre a atividade direta e a sua linguagem. Trata-se de possuir efetivamente a comunidade do diálogo e de atuar com o tempo, representados na obra poético-artística” (Debord, 2003, p. 143).

de um análogo do objeto significante. [...] O simbolismo não caiu do céu nem jorrou das profundezas subterrâneas: foi elaborado, assim como a linguagem, pela realidade humana que é *mitsein*, ao mesmo tempo que separação, e isso explica que a invenção singular nele tenha seu lugar (Beauvoir, 2016, p. 76).

Este simbolismo, tratado como algo que se concretiza sem considerar a relação entre assuntos sociais, desconsidera o significado de poder reafirmado no espaço, concebido sob a condição do patriarcado, que limita o poder revolucionário do vivido. Isso ocorre por restringir outras possibilidades de produção e por demarcar um discurso que valoriza a condição masculina, como no busto de Luís Eduardo Magalhães (Figura 3), camuflando, assim, as contradições.

Figura 3 - Busto de Luís Eduardo Magalhães



Fonte: Elaboração própria (trabalho de campo em fevereiro de 2023).

O busto de Luiz Eduardo Magalhães (1955-1998), foi instalado no ano de 2005 na avenida que leva o nome do ex-político baiano. O monumento contém a seguinte inscrição: “Esta avenida é uma homenagem ao político baiano Luiz Eduardo Magalhães, que foi a grande figura política da Bahia contemporânea. (Antonio Carlos Magalhães)”. A família Magalhães compõe a elite político-econômica do Estado da Bahia, e sua hegemonia é demarcada em diversas partes do território, por meio de monumentos, nomes de avenidas, bairros, escolas e prédios públicos, incluindo nome de município.

Ao considerar a reprodução da elite dominante na Bahia, não se pode desconsiderar o histórico de uma oligarquia agroexportadora que se consolidou como estruturas de poder no Estado. A família Magalhães assegura sua posição no contexto histórico de transição do poder agrário para uma burguesia urbano-

Os Monumentos e o Simbolismo da Submissão das Mulheres em Vitória da Conquista - BA

industrial, reformulando, mas mantendo, uma estrutura oligárquica na elite baiana. Isso se dá, além de outras formas, pela demarcação simbólica de espaços, como o busto em questão e a avenida homônima na qual ele se localiza, além do controle da propaganda e da mídia:

[...] o arsenal midiático de ACM e de aliados políticos, erguido após a Nova República, conduziu a democracia baiana à oligarquização. Ademais, o uso político da TV Bahia por ACM e das mídias em geral - pertencentes, também, a seus aliados políticos - contribuiu para diminuição da imprevisibilidade eleitoral, dado que o carlismo já se encontra encastelado há 12 anos no principal centro político estadual - o Executivo baiano -, além de controlar o Legislativo por expressiva maioria e ainda exercer forte influência no Judiciário (Jonas; Almeida, 2004, p. 106).

O poderio da família Magalhães espalhado nas formas simbólicas do espaço urbano demonstra as estratégias de reprodução de um sistema de governo em que o poder político está concentrado nas mãos de um pequeno grupo de pessoas. Outro monumento presente na forma urbana da cidade de Vitória da Conquista que demonstra a persona e a forma dos heróis é o Monumento construído em Homenagem ao Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (1782-1867).

Figura 4 - Monumento em Homenagem ao príncipe Maximiliano



Fonte: Elaboração própria (trabalho de campo em dezembro de 2024).

O monumento em homenagem ao Príncipe Maximiliano foi erguido na Avenida Olívia Flores em 9 de novembro de 2008, com o intuito de rememorar sua contribuição teórica estabelecida no livro Viagem ao Brasil. Nessa obra, o príncipe prussiano Maximiliano de Wied-Neuwied relata sua expedição realizada

entre 1815 e 1817, durante a qual explorou os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia – quando passou pelo que hoje é reconhecido como município de Vitória da Conquista.

Entre os anos de 1815 e 1817, o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied percorreu os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Mais especificamente, foi do Rio de Janeiro até Cabo Frio, depois para São Salvador dos Campos dos Goitacazes, onde permaneceu antes de passar alguns dias entre os índios Puris em São Fidélis. De lá, passou um tempo nas proximidades de Vitória para então dirigir-se ao Rio Doce, onde estavam os índios Botocudos. Do Rio Doce, Maximiliano partiu para a região do rio Mucuri, e então para sua estadia entre os Botocudos do Rio Grande de Belmonte. Parte para Ilhéus e de lá para Barra da Vereda, onde teria início o “sertão” antes de chegar até Minas Gerais. Em Minas, fica entre os índios Camacãs, parte para Conquista e finalmente para Salvador. No caminho para Salvador, Maximiliano foi preso com sua comitiva, mas finalmente consegue regressar à Europa (Costa, 2009, p. 9).

O monumento ao Príncipe Maximiliano é um exemplo espacializado da tese de Beauvoir (2016) em que ela desenvolve a impossibilidade do segundo sexo de desbravar o mundo e, portanto, de se tornar herói. Para a autora, o homem branco foi historicamente permitido a explorar o mundo sem restrições. Nesse contexto, ao discutir a figura de Van Gogh, a autora ilustra a vantagem atribuída a estes sujeitos que podem ser considerados gênios e/ou heróis. Assim como o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, “Van Gogh poderia ter nascido mulher? Uma mulher não teria sido enviada em missão ao Borinage, não teria buscado redenção; portanto, não teria pintado os girassóis de Van Gogh (Beauvoir, 2016, p. 538).

O parágrafo a seguir, retirado do referido livro, escrito pelo Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, demonstra como o aristocrata descreve os ancestrais daqueles que hoje o homenageiam no Planalto da Conquista:

A natureza, animada, sempre bela, sempre ativa, e variada, apresenta aqui um sensível contraste com a grande massa dos habitantes, que são tão rudes e ignorantes como o gado a que emprestam os seus assíduos cuidados e que constituem o único objeto de seus pensamentos. Aos “vaqueiros” com propriedade poderíamos chamar homens encourados, pois se vestem de couro da cabeça aos pés (Maximiliano, 2007, p. 402).

Apenas com a leitura desse trecho, é possível demonstrar a visão eurocêntrica e profundamente marcada pela forjada superioridade cultural dos europeus. Apesar da forma depreciativa como o príncipe se direciona aos ancestrais desta terra, a elite local da cidade normaliza a posição inferior da localidade na divisão internacional do trabalho por meio da construção do monumento. Dessa forma, os monumentos espacializados garantem uma ligação entre as expressões de poder do passado no presente ao demarcar a vitória dos heróis.

A mulher em seu devido lugar: os monumentos e a simbologia da submissão das mulheres e da classe trabalhadora

Como visto anteriormente, as representações espaciais presentes na cidade dos homens podem ser utilizadas para manter e fortalecer o poder de classe, mesmo que essa condição não seja imediatamente evidente dentro das contradições que compõem o modo de produção capitalista. Como pontua Guy Debord, a função ambígua dos monumentos reflete a complexa relação entre produção cultural, lutas sociais e manutenção do poder na sociedade capitalista. A citação a seguir exemplifica essa dinâmica:

O fim da história da cultura manifesta-se em dois aspectos opostos: o projeto de sua superação na história total e a organização da sua manutenção enquanto objeto morto na contemplação espetacular. No primeiro caso liga seu destino à crítica social e no outro à defesa do poder de classe (Debord, 2003, p. 141).

Guy Debord afirma que o fim da história da cultura apresenta dois caminhos, e um deles serve à manutenção do poder de classe no espetáculo. A presença de monumentos encomendados para simbolizar a classe trabalhadora serve como exemplo de representações do espaço que delimitam o lugar onde a classe explorada deve reproduzir sua vida. Dois exemplos presentes no espaço urbano da cidade dos homens (Vitória da Conquista) são: o monumento da Praça Mármore Neto em homenagem aos imigrantes (Figura 5) e o Monumento ao Gari, na Avenida Presidente Dutra (Figura 6), ambos localizados na Zona Oeste da cidade, local que acumula espaços periféricos.

Figura 5 - Monumento aos Chegantes



Fonte: Elaboração própria (trabalho de campo em fevereiro de 2023).

O Monumento aos Chegantes (Figura 5) encontra-se na Praça Mármore Neto que se localiza no Bairro Brasil, Zona Oeste da cidade. A escultura consiste em uma figura humana tida como neutra, porém, associada ao masculino, que é apelidada pela população de “O boneco”. Foi criado como representação dos imigrantes responsáveis pela construção da cidade de Vitória da Conquista, o que justifica o contorno cartográfico do município representado no peito do monumento. Ao mesmo tempo, a figura feminina, ocultada, está condicionada e domesticada pelo trabalho reprodutivo desses mesmos trabalhadores representados e visibilizados.

A presença do boneco não remete necessariamente ao reconhecimento da importância de trabalhadoras e trabalhadores que produzem a cidade em seu processo de trabalho. Pelo contrário, remete ao significado da “acomodação”, por isso de disciplinarização/“adestramento”, ou racionalização espacial, dessa mesma classe em seus espaços de reprodução, nos espaços vividos. Amélia Damiani (1998), em *População e Geografia*, afirma que a discussão da migração possui um papel estratégico para compreensão da relação entre o processo de acumulação do capital e a dinâmica populacional. O fato de os imigrantes serem representados dentro da zona economicamente periférica demarca o espaço que é destinado a esses sujeitos. Segundo a autora, “No Brasil, a maioria da imigração envolveu uma população expropriada e empobrecida” (Damiani, 1998, p. 40).

Os migrantes que chegam ao município de Vitória da Conquista são, em sua maioria, camponeses expropriados que se inserem na dinâmica de produção do espaço urbano. Esses sujeitos ocupam áreas historicamente específicas à população explorada, espaços que foram simbolicamente demarcados pelo Estado, como evidência da presença do monumento aos chegantes. Sobre o papel do Estado na manutenção dessas estruturas, Smith diz:

É função do Estado administrar a sociedade de classe, conforme os interesses da classe dominante; é o que faz através de suas armas militares, jurídicas e ideológicas e econômicas. Cabe ao Estado também a regulamentação da opressão às mulheres, pois a divisão do trabalho entre os sexos torna-se uma relação social radicalmente diferente com o surgimento da propriedade e da produção, para o intercâmbio. Não apenas a exploração das classes e a propriedade privada surgem juntas, mas vêm acompanhadas da escravidão e da opressão feminina (Smith, 1988, p. 79).

Dessa forma, a segregação socioespacial vivenciada pelos migrantes em Vitória da Conquista não pode ser dissociada da lógica estrutural que orienta o Estado na manutenção das relações de dominação, reafirmando desigualdades historicamente existentes. Lefebvre (2001) afirma que a análise do urbano deve considerar as instituições resultantes das relações de classe e propriedade, sejam elas vinculadas ao Estado ou à ideologia dominante. No contexto da análise do Monumento aos Chegantes e do Monumento ao Gari (Figura 6), observa-se como o poder público municipal delimita os contornos ideológicos e socioespaciais da cidade dos homens.

Figura 6 - O Gari

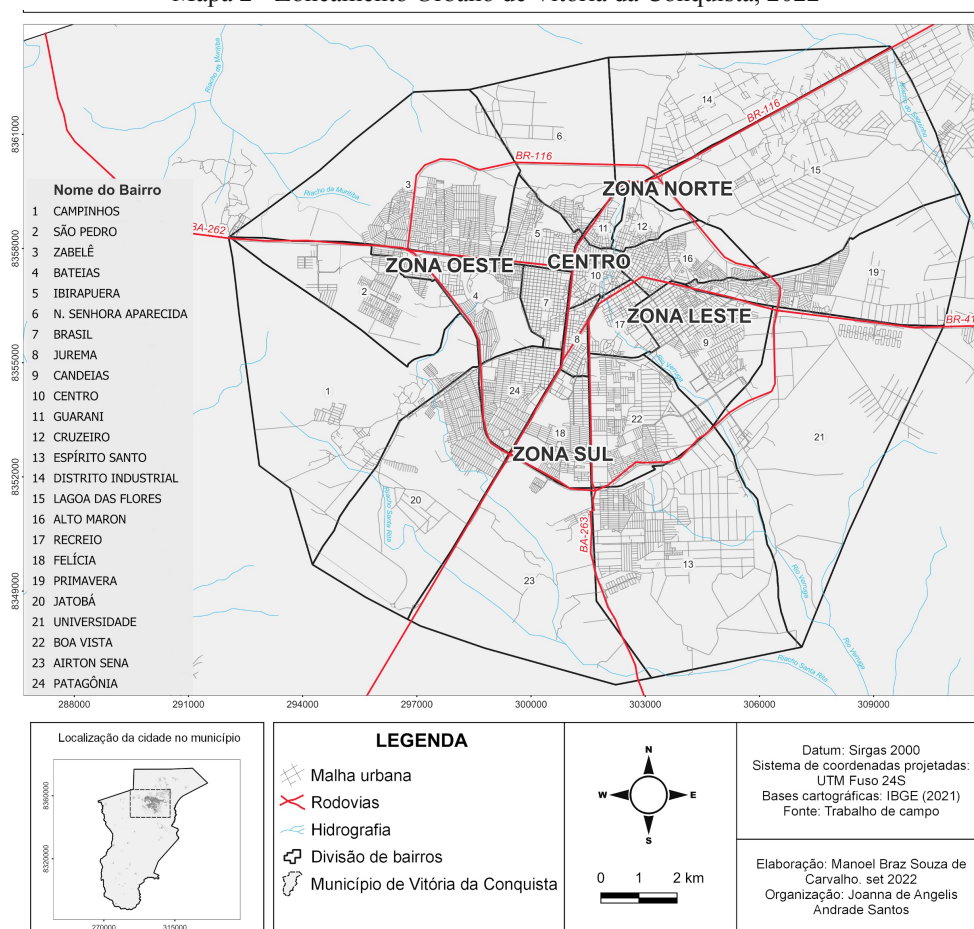


Fonte: Elaboração própria (trabalho de campo em fevereiro de 2023).

Tal perspectiva pode ser associada à interpretação do monumento ao gari, também localizado na Zona Oeste do município. Inaugurado em 09 de novembro de 2019, o Monumento ao Gari é uma figura masculina feita de aço com uma vassoura na mão. Trata-se de uma encomenda da Prefeitura em parceria com uma empresa privada a um artista local. Promete-se, por meio da obra, homenagear este setor da classe trabalhadora, as pessoas responsáveis pela limpeza urbana. Ao considerar que as representações do espaço demarcam o lugar onde a classe explorada deve se reproduzir, entra a seguinte questão: um monumento em homenagem ao gari caberia na Avenida Olívia Flores? Não.

A Avenida Olívia Flores é localizada na Zona Leste da cidade (Mapa 2), está situada em uma área oposta à dos monumentos ao Gari e aos Chegantes. A partir da década de 1990, essa região foi alvo de um discurso de valorização promovido pelo mercado imobiliário, que acabou sendo abraçado pela classe média da cidade. Esse movimento resultou em um processo de valorização e verticalização, consolidando a área como nobre. A ausência desses monumentos nesta localidade evidencia as desigualdades na forma como os espaços urbanos são representados.

Mapa 2 - Zoneamento Urbano de Vitória da Conquista, 2022



Fonte: Elaboração própria (trabalho de campo em abril de 2023)..

Isso se expressa na divisão socioeconômica de Vitória da Conquista, que possui evidente contraste entre a Zona Leste e a Zona Oeste da cidade. Na Zona Oeste temos as marcas da segregação socioespacial, onde predominam bairros periféricos, com menor investimento estatal e população composta majoritariamente por trabalhadores precarizados e migrantes expropriados. A Zona Leste concentra os bairros de maior prestígio e infraestrutura, como a Avenida Olívia Flores – que aparece como cartão postal da cidade –, nela temos como exemplo o Monumento a Dona Jaci Flores (Figura 7), que reflete outra dinâmica socioespacial.

O monumento da Figura 7 homenageia Dona Jaci Flores, reconhecida – conforme a inscrição presente na estrutura – como a primeira mulher comerciante da cidade. No entanto, o que se destaca na homenagem não é sua atuação no comércio, mas sua posição como mãe de uma família proprietária de grande parte do município. No texto do monumento, o papel social atribuído a esta mulher é o fato de descender de João Gonçalves da Costa e Manuel de Oliveira Freitas e o de ser progenitora de homens cis considerados fundamentais para o desenvolvimento da cidade.

Figura 7 - Monumento em Homenagem a Dona Jaci Flores



Fonte: Elaboração própria (trabalho de campo em fevereiro de 2023).

De Josefa e Faustina descendem contemporâneos de expressiva presença social, política e cultural: Aydil Fernandes dos Santos Silva, Edvaldo de Oliveira Flores, Elomar Figueira Melo, Glauber de Andrade Rocha, José Fernandes Pedral Sampaio, muitos e muitos outros (trecho de inscrição presente no monumento).

O trabalho relacionado aos papéis sociais de reprodução e socialização atribuídos às mulheres não é, de modo algum, indigno de reconhecimento. No entanto, como aponta Smith (1988), a romantização dessas funções muitas vezes opera como uma forma de controle, ocorrendo apenas quando a dominação social das mulheres está assegurada. Assim como a natureza é idealizada para justificar sua exploração, a exaltação do papel feminino na reprodução e no cuidado reforça sua subordinação, uma vez que as mulheres, por carregarem a fertilidade e os meios biológicos de reprodução, não podem ser completamente excluídas das estruturas sociais, mas são mantidas em uma posição de domínio e regulação.

Ao estudar a participação feminina dentro do modo de produção capitalista, Saffioti (2008) destaca três funções destinadas ao feminino: a produção – em que a mulher é inserida enquanto trabalhadora na produção direta de mercadorias; a sexualidade – função que aproxima a mulher da questão biológica, trata-se de função importante para reprodução da mercadoria trabalho; e, por fim, da socialização da cria. A ideologia patriarcal absorvida pelo modo de produção atua enquanto mediadora dessas funções, apontando o sexo como uma categoria de diferenciação que regula o aparato produtivo, ampliando ou não o número de pessoas disponíveis como mão de obra. Tal posicionamento demonstra o papel social da categoria sexo que, de modo algum, pode ser interpretado como uma simples questão biológica.

A ideologia dominante inclui o fator sexo como determinante dentro da produção de mais-valia relativa, justificando determinadas transformações e diferenciações acerca da questão feminina por meio da ideologia patriarcal, que

foi mantida de sociedades pré-capitalistas e adaptada para favorecer as demandas do capital. Isso permitiu que a mulher assumisse novas responsabilidades sociais, desde que respeitasse os limites necessários para a reprodução do capital, moldando, assim, o grau e a qualidade dos papéis sociais femininos (Saffioti, 1976).

Sob essa realidade, a cidade dos homens, assim como seus monumentos, revela em suas formas as mesmas contradições produzidas no espaço, compreendido aqui como capitalista e patriarcal. No entanto, não se trata apenas de representações passivas dessas contradições; os monumentos também atuam como instrumentos de normalização e não são alheios às contradições socioespaciais presentes na reprodução das relações sociais de produção, entre elas o patriarcado, o racismo e a luta de classes.

Considerações finais

O presente artigo procurou apresentar o modo como as representações simbólicas que aparecem na cidade – dentre outras maneiras, na forma de monumentos e a maneira como estas servem para demarcar contornos ideológicos – enaltecem a lógica da propriedade privada patriarcal. Por meio dessas estruturas simbólicas, são perpetuadas desigualdades sociais e econômicas que sustentam o sistema capitalista. Além disso, os monumentos materializam valores que naturalizam a dominação masculina e a exclusão de grupos marginalizados, evidenciam também como o espaço urbano é um locus dessas desigualdades.

Em vista disso, os monumentos analisados demonstraram símbolos fálicos que aparecem como marco da dominação masculina no processo de ocupação de territórios, como demonstrou a análise dos obeliscos em homenagem aos bandeirantes e a Getúlio Vargas. O busto de Luís Eduardo Magalhães demarca a hegemonia de uma elite que possui raça, classe e gênero. O monumento em homenagem ao Príncipe Maximiliano demonstra o modo como o capitalismo absorve ideias reacionárias de outros períodos históricos para reafirmar hierarquias. Por fim, é possível constatar que estes quatro monumentos supracitados exaltam, naturalizam e normalizam uma persona dominante – que é masculina, branca e proprietária.

No tópico “A mulher em seu devido lugar: os monumentos e a simbologia da submissão das mulheres e da classe trabalhadora”, os monumentos analisados aparecem como homenagens à classe proletária e à mulher. No entanto, o que foi analisado a partir da forma, dos escritos e das localizações é a legitimação da condição subvalorizada desses grupos sociais.

Assim sendo, as representações espaciais, encomendadas por e para aqueles que ocupam os espaços de poder na cidade dos homens, funcionam como instrumento de enaltecimento da ideologia dominante no presente período histórico. Os monumentos analisados foram compreendidos na pesquisa como representações de uma sociedade capitalista e patriarcal, que é produzida sob o modelo hegemônico da masculinidade. A investigação demonstrou que a presença desses símbolos na configuração das relações sociais expõe a interseção complexa entre propriedade privada, patriarcado e produção do espaço.

Referências

- AGUIAR, Ednalva Padre *et al.* **Ymboré, Pataxó, Kamakã. A Presença Indígena no Planalto de Vitória da Conquista**. 5. ed. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- COSTA, Christina Rostworowski da. **A escultura de um continente: a arte inca e suas conexões com a tradição andina**. 2009. 305 f. Tese (Doutorado em História da Arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- DAMIANI, Amélia. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 1992
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Brasil: eBooksBrasil.com, 2003.
- IVO, Isnara Pereira. **O anjo da Morte contra o santo lenho: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004.
- JONAS, Adriano; ALMEIDA, Gilberto W. Oligarquia, mídia e dominação política na Bahia. **O&S**, v. 11, n. 30, p. 103-115, maio/agosto de 2004.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4. éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: fev. 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MICHAELIS: **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.
- RODRIGUES, Cristiane Moreira. Cidade, Monumentalidade e Poder. **GEOgraphia**, v. 3, n. 6, p. 42-52, 21 set. 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Trabalho feminino e capitalismo. Perspectivas: **Revista de Ciências Sociais**, ano 1, v. 1, n. 1, 1976. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1488/1192>. Acesso em: 13 set. 2025.

SERPA, A. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1988.

WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. **Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano Wied**. Lisboa: Dinalivro, 2007.

Recebido em 13 de março de 2025.
Aceito em 14 de outubro de 2025.

Joanna de Angelis Andrade Santos

